



Roda da Fortuna

Revista Eletrônica sobre Antiguidade e Medievo
Electronic Journal about Antiquity and Middle Ages

Reche Ontillera, Alberto; Souza, Guilherme Queiroz de; Vianna, Luciano José (Eds.).

Renan Marques Birro¹

“Embaixadas” e “relações diplomáticas” nas cortes e salões escandinavos dos séculos X-XI²

“Ambassies” and “diplomatical relations” in scandinavian courts and halls (Xth and XIth centuries)

Resumo:

Este trabalho observou alguns casos de contatos diplomáticos entre os reis Æpelstan (c.893-939) e Haraldr *hárfagri* (Haroldo *dos belos cabelos*, c.850-932), Guthrum (†c.890) e Alfredo, *o Grande* (c.849-899), além das funções “diplomáticas” desempenhadas pelo *skaldr* Sighvatr Þórðarson (†c. 1042), i.e., um poeta cortesão que serviu nas cortes dos reis Óláfr Haraldsson da Noruega (c.995-1030) e Knutr inn *ríki* da Dinamarca (Cnut, *o Grande*, c. 985-1035). Conforme a tradição em prosa e poesia nórdica, este servidor da nobreza escandinava desempenhou papéis que foram muito além da atividade usual de um versejador, sobretudo a serviço do rei norueguês supracitado. Concentrei minhas observações no cenário político de duas “embaixadas” desempenhadas por Sighvatr: a viagem à Västergötland em c. 1017-1018, registrada no poema *Austrfaravísur* (*Versos da jornada no Leste*), e a jornada à Inglaterra em 1020 gravada nos versos do *Vestrfaravísur* (*Versos da jornada no Oeste*). Meus objetivos foram demonstrar quais eram os termos dessas relações, como certos homens e *skalds* eram íntimos do rei e agiam em seu nome fora do reino, e como a composição poética poderia influenciar a atitude dos monarcas em determinadas ocasiões.

Palavras-chave:

Sighvatr Þórðarson; Poesia escáldica; Diplomacia.

Abstract:

This work observed some “diplomatic” contacts between Æpelstan (c.893-939) and Haraldr *hárfagri* (Haraldr *finehair*, c.850-932), and Guthrum (†c.890)

¹ Doutorando em História pela Universidade de São Paulo (USP) e Professor de História Medieval da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP).

² A base deste artigo foi apresentada na mesa *Diplomacia e Poder no Medievo* por ocasião da *Semana de História da UFF*, realizada entre 26 e 30 de março de 2012, com o título *Sighvatr Þórðarson* (†c. 1042): *poeta, conselheiro e “diplomata” nas cortes escandinavas do século XI*.

and Alfred *the Great* (c.849-899). In addition, I also glimpsed the “diplomatical” functions of the *skaldr* Sighvatr Þórðarson (†c. 1042), i.e., a poet who served Óláfr Haraldsson of Norway (c.995-1030) and Knutr inn *ríki* of Denmark (Cnut the *Great*, c.985-1035). According to tradition in Old Norse prose and verse, this man with royal friendships performed papers that go far beyond of a common poet, mainly serving the aforementioned norwegian king. I concentrated my observations in two “embassies” of Sighvatr: a travel for Västergötland (c.1017-1018) registered in the poem *Austrfaravísur* (*East journey verses*), and his journey to England in 1020, remembered in the verses of *Vestrfaravísur* (*West journey verses*). My aims was to show how was the terms of these relations, how certain men and skalds had close relations with kings and acted in their names abroad, and how a poet's work could bias a monarchical decision in some occasions.

Keywords:

Sighvatr Þórðarson; Skaldic poetry; Diplomacy.

“de gente fera Normannica nos libera, quæ nostra vastat, Deus, regna”
 Deus, liberte-nos da feroz gente do Norte que devasta nosso reino.³
Antifonário de Carlos, o calvo, c. 870 (Ms. Latin 17436, 24f).

O exercício da diplomacia por parte de um poeta cortesão durante a fase de invasões e migrações escandinavas parece à primeira vista como algo inimaginável. Esta preconcepção repousa na beligerância da sociedade nórdica antiga, aspecto muito valorizado por outros povos quanto às relações com os homens do Norte. Contudo, exemplos desta forma de contato transluzem do ápice ao crepúsculo da *Era Viking*, evidências que podem expandir as formas de observar e trabalhar aquele contexto histórico.

Antes de prosseguir com a narrativa, enfatizaremos quais eram os termos da “diplomacia” daquele tempo, e se eles eram muito diferentes das relações praticadas entre Estados na sociedade hodierna. Para dirimir esta questão de maneira objetiva, empregamos um conceito abrangente: Em suma, a diplomacia é um aspecto privilegiado dos sistemas gerais de obtenção de informações, de representação e de negociação. Seu objetivo é estreitar

³ A famosa sentença “a furore Normannorum libera nos, Domine” (“Senhor, liberte-nos do furor dos homens do Norte”) é apócrifa e não foram encontrados registros anteriores do temor provocado pelas invasões em litânias ou canções da Igreja. Contudo, o sentimento de terror que a supracitada frase atesta era provavelmente verdadeiro (D’Haenens, 1967: 195). Todas as traduções neste artigo são minhas.

relações e abrir espaços para trocas culturais, inclusive informações relativas ao comércio, ao conhecimento e aos meios militares. Destarte, os diplomatas representam os interesses de um príncipe, um grupo, uma categoria ou de um Estado (Black, 2010: 12-18).

Seja qual for o contexto, o papel da diplomacia é notório e amplamente documentado. No entanto, a abundância de pesquisas sobre o tema no Ocidente medieval contrasta com a “pobreza franciscana” dos trabalhos sobre os legatários nas cortes nórdicas dos séculos X ao XI. Em suma, as pesquisas abundam quando há fontes latinas ou em línguas românicas⁴. Em nórdico antigo, os trabalhos são raríssimos e apenas tangenciam essa matéria, apesar de várias referências de relações entre nobres e reis que merecem maiores aprofundamentos.

A partir de tais premissas, as missões delegadas por Óláfr Haraldsson (c.995-1030) ao principal poeta de seu séquito, Sighvatr Þórðarson (†c.1042), podem ser consideradas como indícios significativos das relações entre as cortes escandinavas na transição entre os séculos X e XI. Todavia, assim como na *Britania* anglo-saxônica, é possível que os contatos entre príncipes daquele tempo tenham se perdido graças ao caráter eminentemente oral das sociedades germano-escandinavas pré-cristãs e em fase de cristianização (Chaplais, 2003: 01-05).

No entanto, é possível recuperar alguns episódios anteriores, como os acordos entre Alfredo, o *Grande* (c.849-899) e Guthrum (†c.890), ou a adoção do príncipe Hákon (c.920-961), futuro rei da Noruega, arranjada pelos reis Æþelstan (ou Æðelstān, c.893-939) de Wessex (c.924-927) e dos ingleses (c.927-939) e o rei Haraldr *hárfagri* (Haroldo *dos belos cabelos*, c.850-932) da Noruega.

1. Os primórdios

O contato entre o rei Æþelstan e o rei Haraldr *hárfagri* pode ser considerado um dos mais antigos registros de “embaixadores” entre monarcas da *Britania* e da Noruega. Conforme o monge William de Malmesbury (c.1095-1143),

⁴ Alguns exemplos são Queler 1967, Ganshof 1953, Hill 1961, Perret 1896, Cuttino 1940, Andreas 1943, Angelini 1965, Antonibon 1939, Bakhrouchine 1946. A lista é realmente extensa.

Haroldo, certo rei norueguês, enviou-lhe um navio que tinha um gurupé⁵ dourado e vela purpúrea, provido com uma densa camada de escudos ao redor [da nave]. Os nomes daqueles que foram com ele [o navio] eram Helgrim e Osfrith, que, *além de serem recebidos com magnificência principesca na cidade de York, [também] receberam presentes apropriados pelo duro labor da viagem* (*Gesta Regum Anglorum*, II, 135. O grifo é meu)⁶.

Apesar de bastante tardio, o depoimento parece verdadeiro. A menção ao gurupé é uma possível interpretação das famosas figuras (ou cabeças) de proa dos barcos escandinavos da época, que dispunham de formas e expressões bestiais para espantar os *landvattir*, espíritos protetores das terras que atacavam (*Landnámabók*, 86; *Egils saga*, 57; Tolley, 2009: 243-244).

O mesmo pode ser dito da disposição dos escudos ao redor do navio, ação muito comum quando os barcos eram atracados. Não convinha deixar esse equipamento de defesa pendurado enquanto a nave estivesse no mar, pois eles atrapalhariam os remos e seriam facilmente perdidos durante as navegações (Heath & Mcbride, 1985: 08).

Quanto aos “diplomatas”, Helgrim e Osfrith, nada mais foi descrito pelo monge inglês. Pelo tratamento, é possível que fossem nobres que serviam Haroldo (Haraldr). É provável que os outros passageiros do barco não fossem de nascimento tão relevante para serem mencionados nominalmente.

A *Haralds saga hins hárfagra* (*Saga de Haraldr dos belos cabelos*, c.1230), por outro lado, dispôs a relação “diplomática” de outra maneira. Conforme a narrativa, Æpelstan enviou mensageiros (*sendi menn*) ao rei Haraldr. Um *sendimaðr* foi até o monarca norueguês com uma espada adornada de ouro na guarda e a bainha decorada em ouro, prata e pedras preciosas. Em seguida, o mensageiro disse: “Eis a espada que o rei Æpelstan pede que recebas dele” (“hér er sverð er Aðalsteinn konungur sendi þér, ok mælti at þú skyldir við taka”). *Haralds saga hins hárfagra*, 41).

Ao tomar o objeto, Haraldr ouviu o nuncio proferir que, tal como seu rei desejou, ele brandiu a espada e, ao fazer isso, aceitou ser seu homem. O monarca norueguês quase explodiu em fúria, mas manteve a temperança: de

⁵ Mastro que aponta para vante, colocado na proa dos navios.

⁶ Haroldus quidam, rex Noricorum, misit ei navem, rostra aurea et velum purpureum habentem, densa testudine clipeorum inauratorum intrinsecus circumgyratam. Missorum nomine fuere Helgrim et Osfrid, qui, regaliter in urbe Eboraca suscepti, sudorum peregrinationes praemiis decentibus extersere.

qualquer maneira, ao dialogar com seus homens, eles concordaram em deixar o *sendimaðr* voltar à Inglaterra vivo, mas sem o presente que trouxe (*Haralds saga hins hárfagra*, 41).

No ano seguinte, Haraldr preparou um *contra-engodo*: ele enviou um barco liderado por Hauk *hábrók* (Hauk *das pernas longas*) para corte de Æpelstan em Londres. Junto deles estava o jovem príncipe Magnús. Conforme a saga, “Então, um banquete foi dado ali mesmo com grande magnificência” (“Þar var þá boð fyrir ok veizla virðilig”. *Haralds saga hins hárfagra*, 42).

Hauk deu ordens para que os trinta homens de seu séquito se sentassem à mesa em frente ao rei, com as espadas do lado esquerdo (ao invés do direito) e ocultas sob as vestes para que ninguém as visse. Ao entrar no salão, saudar o rei e receber a saudação de volta, o mensageiro de Haraldr colocou Hákon no colo de Æpelstan, procedimento de adoção de uma criança. O rei, assustado, olhou para o garoto e perguntou a Hauk qual a razão dessa atitude. O *sendimaðr* respondeu que “o rei Haraldr mandou que tu adotasses por ele o filho de sua concubina” (“Haraldr konungr bað þik fóstira honum ambáttar barn”, *Haralds saga hins hárfagra*, 41).

Æpelstan, irado, sacou a espada e levantou-a como se fosse matar a criança. Hauk *das pernas longas*, por sua vez, lembrou ao rei que ele poderia matar este filho, mas não todas as crianças de Haraldr, ou seja, que alguma delas poderia se vingar da afronta posteriormente. Em seguida, ele e seus homens abandonaram a corte e retornaram à Noruega. O rei norueguês ficou satisfeito com o desfecho, pois o logro na adoção diminuiria o prestígio de Æpelstan. De qualquer forma, o autor atesta que nenhum dos dois perdeu qualquer dignidade após o ocorrido (*Haralds saga hins hárfagra*, 41).

A *Haralds saga* afirmou ainda que Æpelstan ignorou a afronta e adotou de fato Hákon como seu filho: “O rei Æpelstan batizou Hákon e instruiu-o na verdadeira fé, em boas maneiras e todo tipo de boa cortesia” (“Aðalsteinn konungr lét skíra Hákon ok kenna rétta trú ok góða siðu ok allskonar kurteisi”. *Haralds saga hins hárfagra*, 42). Hákon recebeu ainda uma rica e excelente espada de presente, que manteve até o fim de seus dias (*Haralds saga hins hárfagra*, 42).

Tal excerto da *Haralds saga* demonstra a preocupação do autor com os princípios de verdade e entretenimento aceitos e cobrados pelo público ouvinte-ledor. Assim, a troca de embustes entre personagens até alcançar algum equilíbrio deve ser encarado como um *τόπος* (*topos*) da literatura nórdica antiga (Andersson, 2006: 01-19; Curtius, 1953: 80).

Dada a flagrante divergência entre os indícios, é possível inferir com um relativo grau de verossimilhança a confirmação do contato entre as duas cortes. A presença do navio norueguês na corte do rei Æpelstan tanto na *Gesta Regum Anglorum* quanto na *Haralds saga* também pode ser confirmada. Desconhecimentos e ocasos propositais ou ingênuos devem ter ocorrido para alterar o local deste encontro (York/Londres), ou a existência de uma comitiva prévia por parte do monarca das ilhas.

Seja qual for a narrativa correta ou mais próxima da realidade, o tratamento recebido pelos visitantes em ambos os depoimentos justifica não só o *status* dos visitantes mais ilustres, mas também o reconhecimento da missão diplomática. O mensageiro não deveria ser ferido, além de ser comum desde a Antiguidade receber ostentadamente os *nuncii* e *missi* numa cerimônia marcada por vênias, música e faustosos banquetes (Queller, 1967: 188-190).

Outro ponto a favor dos depoimentos de William e da *Haralds saga* é a falta de referências aos ritos religiosos, um ponto crucial em qualquer negociação com os cristãos. Acordos e atos solenes eram concluídos em Igrejas, capelas, palácios episcopais, santificada por uma missa ou por meio de relíquias. Seja como for, embaixadores tinham direito a praticar outra fé em privado sem maiores problemas, como atestam as palavras dos emissários muçulmanos em cortes cristãs (Queller, 1967: 177-181).

Em certa medida, tal conduta era um reconhecimento de relações entre Estados ou entre líderes de homens, que dispunham de direitos iguais. Também era usual a troca de reféns para garantir a manutenção dos pactos. Estes princípios eram reconhecidos também nas relações entre líderes anglo-saxões e escandinavos. Conforme a *Crônica Anglo-saxônica*, um desfecho neste sentido ocorreu entre o exército nórdico que acampava em Werham e Alfredo, o *Grande*:

[875] o exército invasor afastou-se em segredo do *fyrð* de Wessex até Wareham. E posteriormente [876] o rei fez paz com o exército invasor, e *garantiu-lhe como reféns* os mais distintos homens que estavam próximo ao rei e junto ao exército em incursão. *Eles fizeram juramentos entre si sobre o anel sagrado*, o que eles não fizeram anteriormente com nenhuma nação, para que rapidamente saíssem do reino (*Crônica Anglo-saxônica*, Ms. A, 878. O grifo é meu)⁷.

⁷ Her hiene bestel se here into Werham Wesseaxna fierde, wiþ þone here se cyning friþ nam, him þa aþas sworon on þam halgan beage, þe hie ær nanre þeode noldon, þæt hie hredlice of his rice forem.

A troca de homens ocorreu novamente em Execeter (876) e em Devonshire (878) (*Crônica Anglo-saxônica*, Ms. A, 876 e 878). Além dos reféns, chama atenção a questão dos anéis. O círculo anelar foi originalmente um símbolo régio por excelência. Também era comum um anel sagrado (*stallabringr*) ser deixado sobre o altar nos templos escandinavos pagãos (*Eyrbyggja saga*, 4; *Víga-Glúms saga*, 25).

De maneira análoga, o *Hávamál* sugeriu um anel (*baugeiðr*) sobre o qual os juramentos deviam ser feitos (*Hávamál*, 110). O *Landnámabók* atesta também esta prática (*Landnámabók*, 88; Battaglia, 2009: 289). Conforme as evidências, tal costume estava igualmente presente entre os godos desde o início de nossa era (Ström, 1959: 703-704).

Deste modo, a troca de reféns recebia um incremento divino para sustentar o pacto. Em Werham, episódio específico e complexo, Alfredo colocou-se num primeiro momento em pé de igualdade frente ao exército invasor. Na *Batalha de Cippanham* (878), por sua vez, os homens do Norte foram desbaratos, o que levou Guthrum, líder do *grande exército* escandinavo, a ceder reféns, mas desta vez não houve espaço para ritos pagãos – ao menos conforme os testemunhos.

O novo acordo previa também que Guthrum seria batizado, adotaria um nome cristão e teria Alfredo como padrinho (*filium adoptionis*); ele ainda cederia reféns escolhidos (ou *nominais*, “*nominatos obsides*”) (*Crônica Anglo-saxônica*, Ms. A, 878; Asserius. *De rebus gestis Aelfredi*, 56).

Curiosamente, o termo usual até então para tal cerimônia era *filiolus*, não *filium adoptionis*. A mudança não deve ser encarada como uma casualidade ou um erro de Asser: o primeiro termo, que significa “filhinho”, um desdobramento da filiação espiritual (*filius spiritualis*) (Lynch, 1998: 88-89).

Ao incorporar a palavra *adoptionis* (adoção), Alfredo estendeu o significado da cerimônia para uma filiação terrena. Assim, o rei de Wessex considerou Guthrum como um *godsunu*, o que estabeleceu um vínculo de respeito e dever entre pai e filho mais formal. Portanto, o líder dinamarquês foi até Alfredo como suplicante, uma espécie de filho pródigo. Além disso, Guthrum teve que manter uma postura humilde e abandonar os pressupostos culturais que vivia e compartilhava.

De maneira análoga, a tradição anglo-saxã, inglesa e nórdica antiga estabeleceu uma relação de adoção entre o rei Æpelstan e Hákon, filho de Haraldr *hárfagri* e futuro rei da Noruega. Este capítulo da história é bastante

controverso, uma vez que as fontes inglesas não citam a presença do príncipe norueguês na ilha, e os indícios noruegueses são posteriores.

Com efeito, a *Historia Norvegiae* (c.1170) afirma que Æþelstan tomou Hákon como seu filho adotivo (*sibi in filium adoptavit*), para em seguida chamar o príncipe de “filho adotivo do rei Æþelstan da Inglaterra” (“*alumno Adalstani regis Angliæ*”. *Historia Norvegiae*, XI e XII ou 7r e 7v). A *Historia de antiquitate regum Norwagiensium* do monge Teodorico (c.1180), por sua vez, alegou que Haraldr enviou Hákon a Halstanus da Inglaterra para aprender os costumes daquele povo (“*ut nuteiretur et disceret morem gentis*”. *Historia de antiquitate regum Norwagiensium*, 2).

A construção da adoção de Hákon no século XII é obscura. Dois indícios sem dúvidas corroboraram para tanto: o epônimo *Aðalsteinfóstri*, ou seja, “filho de Æþelstan”, e o fato dele ser cristão e ter entrado em conflito com as lideranças norueguesas de seu tempo. O poema *Nóregy Kononga tal* (c.1133), pretensamente derivada dos trabalhos do islandês Sæmundr Sigfusson (†1133), chamou Hákon de “filho especial de Æþelstan” (“*Adalsteins enka fóstr?*”).

Por fim, a *Ágrip*, uma curta história dos reis noruegueses escrita no final do século XII, indicou que Haraldr enviou Hákon a Athelstan “*til fóstr?*”, i.e., para ser adotado (*Ágrip af Nóregskonungasǫ gum*, II). Os escritores das sagas do século seguinte, assim, usaram estes indícios como base para suas narrativas.

A alcunha *Adalstaeinsfóstri* também foi disposta no *Flateyjarbók* (lit. “livro da ilha plana”, identificado como GkS 1005 fol. ou *Codex Flateyensis*, c. 1387-1394), que pode ser derivada ao tempo de Ari Thorgilsson (c.1067-1148), contemporâneo de Sæmundr.

As fontes inglesas são silenciosas no caso de Hákon. Entretanto, a adoção do jovem norueguês não parece implausível, uma vez que Æþelstan mantinha contatos ativos com outros reinos (Page, 1997: 114-116). Neste ínterim, conforme os *Anais* de Flodoardo (894-966), Ludovico, filho de Carlos, o *Simplex* (Carlos III, 879-929), foi até a corte de seu tio *Alstanus* em 936 (*Annales*, Anno DCCCCXXXVI).

De forma direta, a *Crônica de Nantes* (c.1050) menciona certo Alan, filho mais novo do conde da Bretanha, que foi levado à Inglaterra quando as terras do seu pai foram grassadas por ataques dinamarqueses. Alan teve Æþelstan como padrinho de batismo e cresceu na corte de seu pai adotivo (*Chronicon Namnetense*, XXVII-XXVIII).

Quanto à fé de Hákon, as fontes mais antigas apontam em direções divergentes. Eyvindr *skáldaspillir* (Eyvindr, *o pilhante de skalds*, séc. X), que serviu na corte deste rei, aludiu no *Hákonarmál* (*Encomio a Hákon*, c.961), poema póstumo em homenagem ao filho de Haraldr, que “*síð Hókon | fór með beiðin goð, | mǫrg es þjóð of þéuð*” (“desde que Hákon foi deixado com os deuses pagãos, muitas pessoas são oprimidas”, *Hákonarmál*, est. 21).

Curiosamente, um depoimento em sentido contrário foi fornecido por William de Malmesbury: ao listar os clérigos anglo-saxões do século X, o cronista mencionou os monges de Glastonbury que se tornaram bispos em outros reinos durante o reinado de Æadgār, *o pacífico* (Edgar I, c.943-975), contemporâneo de Hákon. Assim, William fez menção a certo Sigefridus, que foi “bispo na Noruega” (“*Norvegensis episcopus*”. *Liber de antiquitate Glastoniensis Ecclesiae*, De episcopis, Anno 988).

Não obstante, a referência mais antiga ao termo encontra-se no *Bersöglisvísur* (lit. *Versos diretos*, c.1038) de Sighvatr Þórðarson, ou seja, aproximadamente um século após o ocorrido. Na quinta estrofe, as palavras *fóstra* e *Aðalstein* foram separadas por três linhas sem maiores explicações, o que sugere o conhecimento tácito da referência por parte dos ouvintes.

Deste modo, mesmo que de maneira indireta, este poeta está envolvido em mais um caso de relações entre a monarquia norueguesa e os reinos vizinhos. A mudança no tipo de interlocutor confere ao caso de Sighvatr uma singularidade interessante, que mescla o contexto da época, a relação do personagem com o rei e as qualidades deste indivíduo.

2. Sighvatr Þórðarson e as “embaixadas” no Leste e no Oeste

A escolha de um *skaldr* para exercer a função de embaixador devia-se às qualidades persuasivas que este indivíduo dispunha. Com respostas rápidas, afáveis e lisonjeiras, o bardo nórdico era capaz de arrefecer ódios antigos e animar alianças e relações de camaradagem. O potencial para tecer versos, uma arte daquele tempo, era admirado nas cortes, e muitos poemas foram transmitidos de geração em geração até seu registro final escrito.

Porém, nem todo poeta escandinavo era temperante e cortês para cumprir tarefas de tamanha complexidade. Como as fontes nórdicas atestam, uma parcela considerável dos homens de língua afiada dispunha de grande

força física, pobreza no julgamento e temperamento violento (Ross, 2000: 25-48).

De fato, a palavra *skaldr* (ou *skáld*) está ligada etimologicamente a palavra inglesa *scold* e outras similares com significado pejorativo (Stebelin-Kamenskij, 1961: 421-430). Conforme Russell Poole, “esta mistificação medieval islandesa dos poetas, com seu permanente ‘lado negro’ destrutivo, parece pertencer ao perene conflito de atitudes na cultura humana que nós atribuímos como ‘superdotação’ ou ‘gênio’.” (Poole, 2000: 04).⁸

O estigma que atingia os poetas escandinavos daquela época poupou Sighvatr. Nascido na Islândia em c. 995, ele cresceu em Apavatn, a Noroeste de Skálholt. Conforme uma lenda local mencionada por Snorri Sturlusson (c.1178-1241), Sighvatr ingeriu um peixe que o transformou num sábio e engenhoso poeta, pois era capaz de falar em versos mesmo durante conversas ordinárias (Jørgensen, 2011).

Apesar de suas pretensas habilidades, este poeta apresentou uma origem comum a sua época e optou pela tradição familiar: filho de um *skaldr*, Sighvatr seguiu os passos de seu pai (Holman, 2003: 244).⁹ Conforme a tradição, ele foi para a Noruega jovem, quando soube que o *Forte* dirigiu-se para lá após anos de atividade *vikingr* na Europa Setentrional. A entrada de Sighvatr para o séquito real foi inicialmente negada. Porém, após declamar uma estrofe habilidosamente para o rei, Sighvatr recebeu um anel de ouro e tornou-se um *skaldr* real, um *hirdskaldr* (Jesch, 2008: 291-299).

Após ingressar na corte de Óláfr Haraldsson, o poeta lutou ao lado do rei na *Batalha de Nesja* (c.1015), na qual confrontaram e derrotaram uma aliança de poderosos rivais liderados pelo *jarl* Svein Hákonsson (†c.1015). Este conflito inspirou Sighvatr Þórðarson a compor a *Nesjavísur* em honra a vitória liderada por seu rei. O poema em questão foi um dos primeiros atribuídos a Sighvatr em homenagem a Óláfr (Holman, 2003: 244).

Os indícios apresentam uma relação entre rei e poeta que extrapolavam o contato tradicional. Conforme as fontes, Sighvatr e Óláfr foram amigos íntimos, condição que motivou o príncipe a enviar o verzejador como arauto e

⁸ “This medieval icelandic mystification of poets, with their abiding self-destructive ‘dark side’, seems to belong within a perennial conflict of attitudes in human culture to what we construct as ‘giftedness’ or ‘genius’.”

⁹ Sighvatr compôs poucos anos antes a *Vikingarvísur*.

diplomata para certas missões no estrangeiro, certo de sua habilidade em matérias de extrema importância para o reino (Williams, 2003: 96).

Avessos ao que suscitaria o senso comum, os vikings não eram coléricos ao ponto de negar acordos que os favorecessem em assuntos de guerra e paz. Para Ryan Lavelle, o contato com os monarcas cristãos do Ocidente medieval pode ter aplacado progressivamente a ferocidade escandinava, fruto da ação direta e indireta da fé cristã e do clero. Contudo, as diferenças culturais poderiam ser mais fortes que o impacto do cristianismo: em 1012 alguns nórdicos capturaram Ælfheah, arcebispo de Canterbury, que foi morto no ano seguinte após malfadadas negociações para a sua liberação (Lavelle, 2010: 315-320).

Todavia, o contato entre reis escandinavos e *jarlar* parece ter sido frequente e não menos temerário, o que nos levou a crer que o contexto político poderia ser mais prejudicial do que as disparidades religiosas. Para provar esta hipótese, apresentamos sucintamente duas “missões diplomáticas” aos cuidados de Sighvatr: uma no Leste (c.1018), junto ao *jarl* Rognvaldr Ulfsson (séc. XI), e outra no Oeste (c.1020), na corte do rei Knutr, o *Grande* (c. 985-1035).

Nos acordos perpetrados entre cristãos e pagãos, um homem da Igreja agia *teoricamente* como um pacificador, pois compunha uma organização política supra-monarquias (Lavelle, 2010: 319). No caso da missão para o Leste, o intermediário entre as partes foi o *jarl* Rognvaldr, que era casado com a filha do rei norueguês anterior e sobrinho do rei sueco, que também se chamava Óláfr (c.980-1022).

A situação política entre os reinos era complexa: o príncipe sueco fez parte da coligação dano-sueca que eliminou o primeiro rei missionário da Noruega no ano 1000. Como prêmio, Óláfr, o *Sueco*, recebeu algumas porções do reino vizinho. Porém, após a ascensão de Óláfr Haraldsson, um conflito entre os dois reis era iminente. O contexto piorou após algumas incursões norueguesas na Suécia, o que irritou o rei local (Nordisk Familjebok, 1915).

Além disso, a maior parte da população sueca ainda era pagã e hostil aos noruegueses cristãos, apesar da conversão do monarca e da manutenção de um grupo cristão nas cercanias da corte (Nordisk Familjebok, 1915). Sighvatr mencionou as dificuldades que encontrou durante a viagem ao tentar hospedagem numa comunidade que rendia homenagens aos deuses antigos:

Na escuridão até Hof impelimo-nos. As portas estavam travadas.
Então, de fora, eu fiquei batendo, e destemidamente enfiei meu

nariz pela porta, resoluto. Uma resposta rude eles nos deram: “Vão embora!” e nos ameaçaram todos: “esta é uma terra pagã” (Sighvatr Þórðarson. *Austrfararvísur*, est. 4).

Para o poeta norueguês, o povo de Hof temia a ira odínica (“Óðins... reiði”) e a intromissão de homens estranhos nas oferendas para os elfos (“alfa blót”). Em seguida, a comitiva enviada por Óláfr, ainda em busca de pousio, foi expulsa de três fazendas por homens chamados Ölvir (Sighvatr Þórðarson. *Austrfararvísur*, est. 5).

Sighvatr enfatizou em várias passagens do poema as dificuldades encontradas na viagem. Inicialmente o barco que tomou para a missão era ruim e mal feito (“Poderiam *trolls* fazer aquele louco | cavalo-broto: não havia | visto qualquer simpatia | [naquele] bode do mar”); A seguir, como demonstramos acima, o poeta reclamou da hostilidade e inospitalidade dos suecos. Para complementar as mazelas do percurso até o *jarl*, “Bolhas e feridas, eu juro, estavam | à vista nas nossas solas, homens do rei” (Sighvatr Þórðarson. *Austrfararvísur*, est. 2-3).

Os infortúnios enfrentados pelo séquito “diplomático” norueguês só foram apaziguados quando eles contornaram a floresta de Eið e adentraram na corte de Rognvaldr, chamado por Sighvatr de “arremessador de ouro-para-os-dedos”. Para o poeta, o *jarl* mostrou-se com boas intenções e desejoso por um acordo que beneficiasse o rei da Noruega:

Ele está em dívida total contigo, Óláfr. “Tu deves”, disse ele, “abrigo-de-anéis, protegendo o portador-do-poder-da-Noruega, que veio a mim sem demora [dizendo a ti] ‘vá até Rognvaldr’. E também, se o rei-ouvidor [enviar] para o Leste, principalmente sob o teu comando [de Óláfr], os homens [dele] devem se alimentar com Rognvald.” (Sighvatr Þórðarson. *Austrfararvísur*, est. 18-19).

O epíteto de “guardião-de-anéis” chama a atenção e abre uma discussão interessante para a estrofe. Poder, generosidade e guerra são elementos da cultura germano-escandinava que devem ser analisados conjuntamente. A condição de *doador de anéis* (IA *bēahgifa*, AS *bóggebo*) e do seguidor como *recebedor* (ou portador) *de anéis* (AS *bógwini*) constitui um *ethos* guerreiro: para manter os seus seguidores leais, o líder deveria distribuir presentes a partir dos tributos e espólios de guerra. Para alguns eruditos, a necessidade contínua de riquezas proveniente dos butins justifica o aspecto endêmico da guerra na Europa Setentrional medieval (Green, 1998: 67-68)¹⁰.

¹⁰ IA = Inglês Antigo, AS = Antigo Saxão.

Todavia, a simbologia do *portador de anéis* era ampliada para os “diplomatas” durante a *Era viking*. O caráter iletrado daquela sociedade exigia outras formas de comprovação da função exercida pelo embaixador, e uma delas era a apresentação de um anel ou outra forma de símbolo concedida pelo seu líder. Portanto, a caracterização de Sighvatr como um “abrigo-de-anéis” por Rognvaldr serviu como uma confirmação da condição de representante de Óláfr para aquela importante missão (Breslau, 1915: 01-05).

Este indício textual corrobora ainda com a possível existência de um símbolo régio olafiano no século XI, opção descartada por boa parte dos estudiosos sobre o tema. Caso seja confirmada, a simbologia régia norueguesa e do *rex perpetuus Norvegia* teria iniciado em um período ainda precoce, numa fase de grande instabilidade política e de transformação cultural radical.

A prodigalidade do *jarl* expressa na mesma estrofe se estendeu também aos homens do rei norueguês, que poderiam buscar conforto e abrigo sob o teto de Rognvaldr quando estivessem a serviço do rei. Como defendeu Wickham em um recente estudo, a dádiva representava e participava da criação de um laço social. Todavia, diferente do que os teóricos da “economia da dádiva” afirmam, a reciprocidade nem sempre era obrigatória: Ela era instável e dependia do contexto ou das determinações sociais (Wickham, 2010: 238-249). Outrossim, como apresentado a seguir, a dádiva poderia encerrar mensagens explícitas ou implícitas para um ou mais interlocutores.

Nas palavras do versejador, Rognvaldr acusou “a gente de Eirík” de perseguir o rei da Noruega, o que deixou Óláfr em alerta quanto a uma nova investida do monarca vizinho ao seu reino. Como consolo, o *jarl* colocou-se à disposição do líder vizinho: “pois para ajudar a ti, sempre | o *jarl* Rognvald irá se mover, | trabalhando por seu bem estar, | Senhor-da-guerra, também dia e noite.” (Sighvatr Þórðarson. *Austrfararvísur*, est. 20). Portanto, os versos finais ofereciam alento ao norueguês, que poderia se ver acossado por duas frentes num posterior conflito entre os reinos escandinavos.

Todavia, apesar do aparente sucesso da missão no Leste, os resultados alcançados por Sighvatr foram mais magros do que Óláfr desejava: o rei sueco rompeu com o *jarl* Rognvaldr por cogitar a negociação de paz com a Noruega. O acordo ocorreu posteriormente somente pela fragilidade política que o reino vizinho enfrentava. Ademais, como era usual neste tipo de acordo, um casamento entre o rei da Noruega e uma das filhas de Óláfr, o *Sueco*, estava nos planos para selar a querela. No entanto, o príncipe da Suécia ofereceu Astrid (†c.1035), uma filha ilegítima, ao invés de Ingegerd (c.1001-1050), por quem o

rei norueguês era pretensamente apaixonado (Lindow, 2008: 103-127; Poole, 1993: 580-581)¹¹.

Independente do resultado real da “missão diplomática” de Sighvatr, Óláfr o recompensou e o manteve em seu séquito. O *status* do *skaldr* perante o rei era tamanho que ele recebeu o título de marechal e foi escolhido para outra incumbência, desta vez no Oeste: ele deveria espionar e descobrir as intenções de Knútr quanto à Noruega (Balle, 1993: 357-359). Sighvatr aquiesceu ao pedido de Óláfr e viajou para encontrar o príncipe rival em 1019 (ou 1020), e posteriormente compôs o *Vestrfararvísur* (*Versos da viagem para o Oeste*, c.1025) para registrar o cumprimento desta tarefa (Poole, 1993: 580-581).

O poema foi explícito quanto ao interesse belígero de Knútr, que se prepara para marchar para batalha:

Knútr tinha toda sua força [do lado de] fora, [e o *jarl*] Hákon a aumentava: eles ameaçavam a vida e o reino de nosso senhor – relutante poderia ser a tua morte (Sighvatr Þórðarson. *Vestrfararvísur*, est. 3).

O verso desnuda a situação alarmante com a qual Sighvatr se deparou: o rei vizinho pretendia expandir seu território novamente, e contava com um poderoso aliado: o *jarl* Hákon (†c.1029), filho do antigo líder de Lade, Eríkr (c.960-1020). O nobre norueguês desejava reaver as terras que pertenceram a sua família por gerações, e contava com a graça de Knútr, por quem lutou na conquista da Inglaterra (c.1014-1015). Juntos eles formavam uma grande hoste que reconduziria o danês ao trono da Noruega (McDonald, 2003: 453-455).

Na estrofe seguinte, o bardo alertou que Hákon conseguia lidar melhor com os líderes e antigos proprietários de terra (*búendr gamla*) do que Óláfr, *i.e.*, que o *jarl* poderia unir os grupos do reino separados por disputas após anos de inconsistência política. A tentativa de centralização do poder minou as possibilidades de sucesso do rei norueguês e fortaleceu seus principais inimigos (Bolton, 2008: 260-264).

Por fim, Sighvatr enfatizou as sedutoras propostas de Knútr para que o poeta se aliasse a ele:

O glorioso soberano [Knútr] nos deu recompensas abundantes, de modo que nossos dois braços, Bersi, brilhavam cintilantes com

¹¹ Ingegerd foi entregue ao príncipe de Novgorod e Kiev Yaroslav, *o sábio* (c.978-1040), um importante aliado de Óláfr Haraldsson nos últimos anos de sua vida.

anéis de ouro. Um marco ou mais ele deu como galardão para ti, e também uma espada muito afiada [...] Knútr frequentemente me perguntava se eu, doador-de-anéis, poderia ser leal a ele como senhor-soberano, como ao agradável Óláfr (Sighvatr Þórðarson. *Vestrfararvísur*, est. 5 e 7).

Ao enviar Sighvatr para missões fora de seu reino, Óláfr colocou em risco a amizade e a fidelidade do poeta de maior prestígio em sua corte. Knútr, por sua vez, organizava o contexto político escandinavo semelhante a um jogo de xadrez: mantinha contatos frequentes com seus inimigos com hábeis combinações de diplomacia, suborno, ameaça e violência sem restrições (Holman, 2007: 89-91).

Além do interesse em manter os territórios dominados, o rei dinamarquês buscava alianças com líderes poderosos para impedir novas incursões vikings em seus territórios. Outrossim, sua interferência na Noruega a partir de subornos e apoio aos adversários de Óláfr foi vital para a queda do rei norueguês na *Batalha de Stiklastaðir* (1030) (Hudson, 2005: 124-127).

Porém, Sighvatr não cedeu às pressões do poderoso monarca vizinho e foi fiel ao seu líder. Ele poderia ter se dobrado a um doador de tesouros mais abastado, mas resistiu por empenhar sua palavra e portar os anéis confiados por Óláfr. De certa forma sua escolha foi acertada: ele se tornou o principal depoente contemporâneo ao rei perpétuo da Noruega.

Considerações finais

Este breve estudo de caso, cercado por rivalidades políticas, alianças e dádivas, demonstra como a política no declínio da *Era viking* atingia um grau de complexidade muito maior do que o senso comum normalmente supõe. A atividade “diplomática” daquele contexto exigia homens capazes, argutos e fieis para missões cercadas por tribulações.

As relações entre Haraldr e Æpelstan, por questões literárias ou não, estavam em pé de igualdade. Os visitantes foram recebidos com banquetes e, apesar das afrontas, suas vidas foram mantidas. De maneira geral, a troca de presentes e a adoção de Hákon parecem insuspeitas.

O aspecto beligerante dos dois reis ao descobrirem as artimanhas contra si é digna de nota. O caráter de “rei guerreiro” (*hérkonungr*) foi bastante valorizado

na *poesia escáldica* e nas *sagas* (Miranda, 2013: 486-487). Contudo, até mesmo a intempestividade deveria ser controlada em situações de risco político.

Ressaltar a valentia monárquica era um recurso literário poderoso para fixar no presente e legar ao futuro uma imagem gloriosa do líder, mas as narrativas supracitadas mostram como a diplomacia fazia parte do cotidiano nórdico e não era ignorada em muitas ocasiões. A *realeza guerreira* (*heerkönigtum*) é, assim, apenas uma das dimensões analíticas disponíveis para observação (Birro, 2013: 51-53; Birro, 2011: 125-144).

Chamo atenção também para outro fator importantíssimo: ao seguir com candura e complacência as informações prestadas pelos indícios, o historiador corre o risco de não realizar uma crítica mais profunda. É preciso expor as informações involuntárias ou “extorquir” dados dos depoimentos num exercício de sensibilidade, em busca de sua utilização pelo poder (Bloch, 2001: 89-124; Le Goff, 1990: 542-546).

Carlos Ginzburg defendeu certa vez que o historiador deve “escovar a história ao contrário” – uma referência a Walter Benjamin –, ou seja, ler os testemunhos às avessas, pois somente assim podemos levar em conta tanto as relações de força quanto aquilo que é irreduzível a elas. “A natureza que não mente”, disse Francis Bacon, “só diz a verdade se for submetida à coerção da experiência” (Ginzburg, 1989: 143-179).

Desse modo, a utilização ingênua das *konungasögur* (*sagas dos reis*) pode subverter um aspecto crucial ao trabalhar com os textos do *Heimskringla*: o contexto de produção do autor e a situação política norueguesa da época, às voltas da anexação da Islândia, um dos desdobramentos do *Norgesveldet* (Birro, 2013: i-vii; Birro, 2011: 53-59).

Portanto, a possibilidade de um breve entreviro entre Haraldr e Æþelstan sugere as tentativas de desequilibrar um rei rival para aumentar a glória deste ou daquele príncipe. Invenção dos cronistas ou não, tal conduta deveria fazer parte do cotidiano das cortes e salões, sobretudo para os homens que transitavam entre elas e buscavam os favores daquele que poderia conceder mais dádivas aos seus seguidores.

Entrementes, os reis incentivavam os poetas e cronistas que registravam seus feitos de maneira laudatória, o que legava à posteridade uma imagem monárquica belicosa, imponente e intimidadora frente aos reis vizinhos. Porém, na realidade, estes reis provavelmente dispunham de alcance de poderes semelhantes.

Logo, há duas esferas de poder: a literária, mais nítida e na superfície da narrativa, e a real, mais profunda, entrevista ao combinar a contraposição das fontes, a crítica aprofundada, o contexto de produção do indício e a conferência das relações de poder daquele tempo.

Os tratos entre Guthrum e Alfredo, por outro lado, foram realizados conforme a situação política de cada contexto, e demonstra como o *status* poderia ser passageiro: se os dois foram colocados como iguais num primeiro acordo, a derrota do *grande exército* nórdico obrigou Guthrum a manter-se numa condição inferior, como um filho adotivo que deve obrigações e respeito ao pai.

Finalmente, confiar uma “embaixada” a um *skaldr*, homem de lealdade duvidosa que circulava entre as cortes escandinavas, era um voto de coragem e fé, a crença na palavra, a relação que ligava um doador e um recebedor que, em certos casos, negava a reciprocidade, em sua sociedade que valorizava mais o ter do que o ser.

Sighvatr foi acusado posteriormente de trair Óláfr ao se afastar dele na hora de sua morte; na resposta do versejador, ele preferia ser destinado ao inferno a trair seu rei. Com tamanha dedicação, ele foi indubitavelmente o servidor mais completo da corte norueguesa. Suas qualidades ímpares foram essenciais para que ele fosse empregado também na corte de Magnús, filho de Óláfr, e para ser lembrado como um dos maiores poetas islandeses de todos os tempos.

Referências

Fontes

Ágrip af Nóregskonungasögum.

Asserius. *De rebus gestis Aelfredi.*

Asserius. *De rebus gestis Aelfredi.*

Chronicon Namnetense.

Crônica Anglo-saxônica, Ms. A.

Egils saga.

Eyrbyggja saga.

Eyvindr Finsson skáldaspillir. *Hákonarmál.*

Flateyjarbók.

Flodoardus. *Annales.*

Haralds saga hins hárfagra.

Hávamál.

Historia Norvegiæ.

Landnámabók.

Ms. Latin 17436, 24f.

Nóregs Kononga tal.

Sighvatr Þórðarson. *Austrfararvísur.*

Sighvatr Þórðarson. *Bersöglisvísur.*

Sighvatr Þórðarson. *Vestrfararvísur.*

Theodoricus Monachus. *Historia de antiquitate regum Norwagiensium.*

Víga-Glúmssaga.

Willelmi Malmesburiensis. *Gesta Regum Anglorum.*

Willelmi Malmesburiensis. *Liber de antiquitate Glastoniensis Ecclesiae.*

Bibliografia

Andersson, T. M. (2006). Introduction. In Andersson, T. M. *The growth of medieval icelandic sagas (1180-1280)* (pp. 01-19). Cornell: Cornell University Press.

Andreas, W. (1943). *Staatskunst und Diplomatie der Venezianer. Im Spiegel ihrer Gesandtenberichte.* Dissertação. Leipzig.

- Angelini, S. (1965). *La diplomazia comunale a Perugia nei secoli XIII e XIV*. Firenze: Olschki.
- Antonibon, F. (1939). *Relazioni a stampa di ambasciatori veneti*. Padova: Tipografia del Seminario.
- Bakhrouchine, S. & Kosminski, E. (1946). La diplomatie du Moyen Age. In Potiemkine, V. P. (ed.). *Histoire de la diplomatie*. Paris: Librairie de Médicis.
- Balle, S. (1993). Knud (Cnut) the Great. In Pulsiano, P. & Wolf, K. (ed.). *Medieval Scandinavia: an encyclopedia* (pp. 357-359). London: Routledge.
- Battaglia, M. (2009). In the Beginning Was the Ring: Mythological Echoes and Heroic Allusions in the Origin of the ‘Nibelungen Hort’. In Ruggerini, M. E. (ed.). *‘He bafað sundorgecynd’*: Studi anglo-norreni in onore di John S. McKinnell (pp. 289-303). Cagliari: CUEC.
- Birro, R. M. (2013). As caracterizações do sagrado na monarquia norueguesa (sécs. X-XII). In Birro, R. M. *Rex perpetuus Norvegiae: A sacralidade régia na monarquia norueguesa e a santificação de Óláfr Haraldsson (c. 995-1030) à luz da literatura nórdica latina e vernacular (sécs. XI-XII)* (pp. 51-105). Dissertação. Niterói: PPGH/UFF.
- Birro, R. M. (2011). Rex belator, regis populi, rex sacrorum: a sacralidade pagã da realeza germano-escandinava. *Revista Plêthos* 1, 125-144.
- Birro, R. M. (2011). A literatura islandesa medieval. In Birro, R. M. *Uma história da guerra viking* (pp. 49-59). Vitória: DLL/UFES.
- Black, J. (2010). Introduction. In Black, J. *A history of diplomacy* (pp. 12-18). London: Reaktion Books.
- Bloch, M. (2001). A crítica. In *Apologia da História ou o Ofício do historiador* (pp. 89-124). Rio de Janeiro: Zahar.
- Bolton, T. (2008). Danish supremacy in Scandinavia in the early eleventh Century: Cnut and the regimes of Norway and Sweden. In Bolton, T. *The Empire of Cnut the Great: conquest and the consolidation of power in Northern Europe in the early eleventh century* (pp. 260-264). London: Brill.
- Breslau, H. (1915). Die Entstehung der Urkunden. In Breslau, H. *Handbuch der Urkundenlehre für Deutschland und Italien* (pp. 01-05). 2. ed. Leipzig: Verlag von Veit.

- Chaplais, P. (2003). The beginnings: English Diplomatic practice before 1200. In Chaplais, P. *English diplomatic practice in the Middle Ages* (pp. 01-05). Cambridge: Cambridge University Press.
- Curtius, E. R. (1953). *European Literature and the Latin Middle Ages*. New York: Pantheon.
- Cuttino, G. P. (1940). *English Diplomatic Administration, 1259-1339*. London: Oxford University Press.
- D’Haenens, A. (1967). *Les invasions normandes en Belgique au IXe siècle* (p. 195). Louvain: Publications universitaires de Louvain.
- Ganshof, F. L. (1953). Le Moyen Age. In Renouvin, P. (dir.). *Histoire des relations internationales*. Paris: Hachette.
- Green, D. H. (1998). Warfare. In Green, D. H. *Language and History in the Early Germanic World* (pp. 67-68). Cambridge: Cambridge University Press.
- Ginzburg, C. (1989). Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In *Mitos, emblemas e sinais* (pp. 143-179). São Paulo: Companhia das Letras.
- Heath, I. & McBride, A. (1985). *Osprey Series Elite 003: The Vikings*. London: Reed International Books, 04-11.
- Hill, M. C. (1961). *The King’s messengers, c. 1199-1377*. London: Arnold.
- Holman, K. (2003). Sighvatr Þórdarson. In *Historical Dictionary of the Vikings. Historical Dictionaries of Ancient Civilizations and Historical Eras, N. 11* (p. 244) Oxford: Scarecrow Press.
- Holman, K. (2007). Viking kings. In *The northern conquest: Vikings in Britain and Ireland* (pp. 89-91). Oxford: Signal Books.
- Hudson, B. (2005). From Dublin to England and Norway. In *Viking pirates and Christian princes: dynasty, religion, and empire in the North Atlantic* (pp. 124-127). Oxford: Oxford University Press.
- Jesch, J. (2008). Poetry in the Viking Age. In Brink, S. (ed.). *The Viking World*. (pp. 291-299). London: Routledge.

Jørgensen, J. G. (2011). Sigvat Tordsson. In *STORE NORRSKE LEKSIKON*. Disponível em www.snl.no/.nbl/biografi/Sigvat_Tordsson/utdypning. Acesso em 18 dez 11.

Lavelle, R. (2010). After the battle: peacemaking and peace agreements. In *Alfred's wars: sources and interpretations of Anglo-Saxon warfare in the Viking Age* (pp. 315-320). Woodbridge: Boydell Press.

Le Goff, J. (1990). Documento/Monumento. In *História e Memória* (pp. 535-548). Campinas: EDUNICAMP.

Lindow, J. (2008). St. Olaf and the Skalds. In Dubois, T. A. (ed.). *Sanctity in the North* (pp. 103-127). Toronto: Toronto University Press.

Lynch, J. (1998). Godparenthood from Baptism. In *Christianizing Kinship: Ritual Sponsorship in Anglo-Saxon England* (pp. 99-121). Cornell: Cornell University Press.

Page, R. I. (1997). The audience of Beowulf and the Vikings. In Chase, Collin. *The dating of Beowulf* (pp. 113-122). Toronto: Toronto University Press.

Perret, P-M. (1896). *Histoire des relations de la France avec Venise du XIIIe siècle à l'avènement de Charles VIII*. 2. vols. Paris.

Poole, R. (2000). Introduction. In *Skaldsagas: text, vocation, and desire in the Icelandic sagas of poets*. Reallexikon der germanischen Altertumskunde (p. 04). Berlin: de Gruyter.

Poole, R. (1993). Sighvatr Þórðarson. In Pulsiano, P. & Wolf, K. (ed.). *Medieval Scandinavia: an encyclopedia* (pp. 580-581). London: Routledge.

Queller, D. E. (1967). *The Office of Ambassador in the Middle Ages*. Princeton: Princeton University Press.

McDonald, A. & Somerville, A. (2010). State-building at home and abroad. In *The Viking Age: a reader* (pp. 453-455). Toronto: Toronto University Press.

Miranda, P. G. (2013). Representação guerreira e disputas da realeza norueguesa na Era Viking: análises dos conflitos políticos no Heimskringla. In Birro, R. M. & Campos, C. E. C (eds.). *Relações de poder: da Antiguidade ao Medievo - Relations of Power: from Antiquity to the Middle Ages* (pp. 464-487). *Alumni*, vol. 1. Vitória: DLL/UFES.

Birro, Renan Marques

“Embaixadas” e “relações diplomáticas” nas cortes e salões escandinavos dos séculos X-XI
www.revistarodadafortuna.com

Nordisk Familjebok (1915). Ragnvald Ulfsson. In *Nordisk Familjebok*. Vol. 22 (pp. 914-916). Stockholm: Nordisk familjeboks förlags aktiebolag.

Ross, M. C. (2000). The Skald Sagas as a Genre: definitions and typical features In Poole, R. G (ed.). *Skaldsagas: text, vocation, and desire in the Icelandic sagas of poets*. Reallexikon der germanischen Altertumskunde (pp. 25-48). Berlin: de Gruyter.

Steblin-Kamenskij, M. I (1969). On the Etymology of the Word Skáld. In Benediktsson, J. *et alli* (eds.). *Afmalísrit Jóns Helgasonar*, vol. 30 (pp. 421-430) Reykjavík: jun.

Ström Å. V. (1959). The King God and his connection with Sacrifice in Old Norse Religion. In Giunta Centrale per gli Studi Storici di Rome. *The sacral kingship/La regalità sacra*. Studies in the History of Religions: VIIIth International Congress for the History of Religions, 1955, Rome, Italy (pp. 702-715). Leiden: Brill.

Tolley. C. (2009). *Shamanism in Norse Myth and Magic*. FF Communications 296. Helsinki: Suomalainen Tiedeakatemia.

Wickham, C. (2010). Conclusion. In Davies, W. & Fouracre, P. (ed.). *The Languages of Gift in the Early Middle Ages* (pp. 238-249). Cambridge: Cambridge University Press.

Williams, A. (2003). The immense Raiding-Army. In *Athelred the Unready: The Ill-Counselled King* (pp. 91-109). London: Continuum International Publishing Group.

Recebido: 27 de abril de 2013

Aprovado: 08 de julho de 2013